

MENORES E ADOLESCENTES

Estamos acuados. Quem é contra reduzir a maioria penal é visto como inimigo público, está contra nossos filhos, nosso patrimônio (carro e celular, pra ser mais exato), não pensa na própria família, é irresponsável e merece sofrer na pele um seqüestro-relâmpago que seja pra ver o que é bom. Principalmente, é contra a mãe do João Hélio, não está solidário com sua dor, na verdade nem parece que sente a morte do menino.

Não é verdade. De minha parte, sinto doer o peito. Doeu ver aquela bebezinha flutuando na lagoa dentro de um saco plástico. Diferente da mídia, não esqueci ainda a morte cruel do menino Vinícius, também com cinco anos, queimado vivo dentro do carro da família, com os pais. Um sofrimento que se estendeu por horas até a morte.

O que sentimos nós, mães de adolescentes que acampam com os namorados como fez Liane Friedenbach? O que sentimos ao sabê-la estuprada e também cruelmente morta por quatro indivíduos, um deles menor de 18 anos, exatamente como no caso João Hélio? O que sentimos, mesmo que não sejamos redatores da TV-Globo, quando a menina Mônica, no encanto de seus catorze anos, morreu em plena tarde carioca, com uma bala enorme no corpo, apenas porque saiu de casa por alguns minutos?

A morte de João Hélio despertou o imaginário da população, memórias ancestrais, fantasias mórbidas. Lembrou-se de filmes de caubóis que arrastavam bandidos, de romanos que do mesmo jeito arrastavam os inimigos capturados, dos torturadores da ditadura arrastando inocentes até a morte. Uma criança, não um boneco, nem um personagem de filme, mas uma criança de verdade, era algo inimaginável para quem viu a cena. E o pequeno João Hélio deixou de ser mais uma vítima da violência, para se tornar uma bandeira que, reproduzida aos milhares, tem servido de ilustração para discursos os mais diversos e foi parar até no trio elétrico da Carla Peres, no carnaval de Salvador.

Abalados com o inusitado da ação criminosa, sociedade e estado, tentando disfarçar as toneladas de culpa que carregam nas costas, descobriram o que causou a morte de João Hélio: a lei brasileira que não permite prender menores de 18 anos por mais de tres anos. Os que mataram o menino tinham 18, 19, 21 e 23 anos, um deles irmão do adolescente, que também participou. Mas parlamentares e imprensa, refletindo a tendência da maioria da sociedade, parecem considerar o adolescente mais culpado, mais desumano, merecedor de pena maior que os demais. Como se esse adolescente sem rosto representasse todos os outros que um dia podem vir a nos fazer mal.

A introdução à discussão que há dias ocupa mentes, corações e a mídia começa com a clássica afirmação: aos 16 anos, o adolescente sabe o que é certo e errado e deve responder pelos seus atos. As crianças de cinco seis anos também sabem. E os de doze e de catorze. Os adolescentes também sabem, e daí?

Nossos filhos, aos 16 anos, vão à escola, ao curso de inglês, à praia, à Disney, à balada, ao shopping, mas nos preocupamos, eles são grandões, mas não confiamos neles para tomar decisões, para enfrentar os perigos do mundo lá fora. Por isso insistimos em monitorá-los, em ligar para o celular deles. Por isso temos medo que lhes ofereçam drogas, que andem em más companhias, porque têm 16, 17 anos e tememos que não saibam ainda como agir e se defender diante de situações novas.

Há algo mais do que o certo e o errado na atitude de um adolescente, infrator ou não. Há a adolescência em si, o turbilhão da idade que lhes turva a vista e a consciência, a sensação de onipotência, a obsessão por desafios, a curiosidade irresponsável, a premência do tempo, um tempo que é só deles, a ingenuidade, mesmo que travestida de ousadia, de tentativas constantes de se afirmar, de superar, de se ver grande, forte, invencível. Por isso os nossos filhos têm a coragem de tirar o carro da garagem escondido, engravidar as namoradas, sair da lanchonete sem pagar a conta, vestir as roupas da mãe, falsificar a assinatura no boletim, fogem de casa, dormem fora sem avisar. Por mais que os conheçamos, sempre nos surpreendem. Adolescente é

tudo igual, o que muda é a cor da pele, o endereço, a escolaridade, a marca do tênis. E aí, sim, muda tudo.

Eleonora Ramos

www.projetoproteger.org.br

*jornalista e coordenadora d